

ESCOLA NÃO É LIXEIRA

Ninguém discordará de que é necessário instalar em Ijuí pontos de coleta de materiais recicláveis, como vidro e de lixo tóxico, como lâmpadas e pilhas usadas. Mas, é discutível que estes coletores sejam instalados nas escolas das redes municipal e estadual.

É evidente que as escolas e seus professores têm excelentes campanhas e programas de educação ambiental e que o estudante aprende muito ao participar deles, tanto em informação, quanto em atitudes. Também fica claro que a escola é um lugar de referência no bairro ou na comunidade onde está localizada. Sabemos ainda que a coleta e a venda de materiais recicláveis rende para a escola algum dinheiro, que é usado para cobrir suas despesas ou viabilizar alguns projetos.

Mas, temos três argumentos contra a instalação dos coletores nas escolas: 1) receber o lixo da sociedade não é tarefa da escola; 2) há riscos para estudantes, professores e funcionários; 3) vidros, lâmpadas e pilhas, embora recicláveis, são materiais de tipo muito diferente do papel, plástico e metal que as escolas coletam.

A escola tem uma tarefa primeira que é educar. E faz isso das mais variadas formas, inclusive envolvendo-se com os problemas da cidade como a coleta do lixo. Mas, não podemos inverter essa lógica, colocando a escola como o principal lugar de coleta, no município, daquilo que não serve mais para as pessoas. Pilhas usadas, vidros vazios e lâmpadas queimadas devem ser recebidos e encaminhados para o destino correto por aqueles que vendem esses materiais, em um programa mais amplo que envolva o poder público. Os postos de coleta desse tipo de lixo devem estar nas lojas, camelôs e supermercados que os vendem.

Pilhas usadas vazam, vidros quebrados cortam e lâmpadas fluorescentes quebradas contaminam. Estão os professores, estudantes e funcionários das escolas preparados e equipados para lidar com esse tipo de materiais? Pensamos que não. Pode ser um tanto dramática essa avaliação, mas existe um risco crescente, conforme a quantidade desses materiais que for coletada e armazenada nas escolas.

Terceiro e último argumento: as pilhas usadas e as lâmpadas queimadas não podem ser vendidos no mercado da reciclagem. Ao contrário é preciso pagar para que tenham uma destinação adequada ou, na melhor hipótese, a indústria os recebe gratuitamente para reciclar. O vidro tem baixíssimo valor no mercado. Portanto, nem mesmo a questionável arrecadação de dinheiro que a escola poderia fazer com os materiais recicláveis é possível nestes casos.

Educar, ligar os estudos com a realidade, sensibilizar os estudantes para os problemas socioambientais, fazer experiências pedagógicas de coleta e separação de resíduos são tarefas da escola. Assumir responsabilidades que devem ser - até por força da lei - dos geradores e vendedores dos resíduos, isso não.